

PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS ACERCA DE SUA GRAVIDEZ

PREGNANT ADOLESCENTS' PERCEPTIONS OF THEIR PREGNANCY

PERCEPCIONES DE ADOLESCENTES EMBARAZADAS SOBRE SU EMBARAZO

Jaqueline Miranda Barros Silva¹
 Jocelly de Araújo Ferreira²
 Bertha Cruz Enders³
 Rejane Millions Viana Meneses⁴

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer a percepção de adolescentes grávidas acerca da ocorrência da gravidez e a repercussão do evento para a vida da adolescente. Estudo descritivo transversal realizado em Palmas (TO) no período de setembro a dezembro de 2007, com uma amostra acidental de 28 adolescentes grávidas cadastradas no pré-natal nas unidades de saúde da Secretaria Municipal de Saúde. Dados coletados por meio de um questionário foram analisados utilizando estatística descritiva e de forma qualitativa para a formação de categorias temáticas. As adolescentes tinham em média 16,8 anos; 57,1% tinham escolaridade compatível com a idade, mas 42,9% registraram abandono; 71,4% não planejaram a gravidez; 67,9% afirmaram conhecer os riscos e 42,9% recebiam as orientações pela família. As categorias representativas das percepções sobre a gravidez foram "o descuido" e "desejo de engravidar", bem como as razões para a ocorrência da gravidez; e "o deixar de estudar" como repercussão que a gravidez traz para a adolescente. O estudo oferece uma compreensão da gravidez na adolescência na região que pode ser útil para a melhoria da prática de enfermagem nos serviços de saúde como estratégias para a promoção de comportamento sexual seguro e saudável nas adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Gravidez na adolescência. Saúde da mulher.

The objective of this study was to identify the perceptions of pregnant adolescents regarding the occurrence of the pregnancy and its repercussion upon their lives. This was a descriptive transversal study conducted in Palmas / TO in November and December of the year 2007, with an accidental sample of 28 pregnant adolescents registered in the prenatal services of the Municipal Health System. Data was collected using a questionnaire and analyzed by descriptive statistics and qualitative identification of thematic categories. The average age of the adolescents was 16.8 years old; 57.1% had educational level compatible with their age; 42.9% had dropped out their studies; 71.9% had not planned the pregnancy; 67.9% said they knew the risks and 42.9% had been advised by the family. The perceptions regarding the pregnancy were identified in three categories: "carelessness", "desire to get pregnant" as the reasons for its occurrence; and "school drop out", as consequence of pregnancy in the life of the adolescent. This study offers an understanding of the occurrence of adolescent pregnancy in Palmas, which can be useful for the improvement of nursing practice in the health units. It can also promote strategies for the enhancement of safe and healthful sexuality behavior among adolescents.

KEY WORDS: Nursing. Pregnancy in adolescence. Women's health.

El objetivo de esta investigación fue conocer las percepciones de las adolescentes embarazadas sobre la ocurrencia del embarazo y la repercusión de ese acontecimiento para la vida de la adolescente. Es una investigación descriptiva

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). jaquelinemiranda26@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre. Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). jocellyaferreira@hotmail.com

³ Enfermeira. Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). berthath@ufrnet.br

⁴ Enfermeira. Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). rejane.millions@yahoo.com.br

y transversal que se llevó a cabo en Palmas/TO durante el período de septiembre a diciembre de 2007, con una muestra accidental de 28 adolescentes embarazadas registradas en el servicio de prenatal en los centros de salud de la Secretaría Municipal de Salud. Los datos fueron obtenidos a través de un cuestionario y analizados utilizando la estadística descriptiva y el método cualitativo para la formación de categorías temáticas. Las adolescentes tenían en media, 16,8 años de edad; 57,1% poseían nivel educacional compatible con su edad pero, 42,9% dejaron la escuela; 71,4% no planificaron el embarazo; 67,9% afirmaron conocer los riesgos y 42,9% fueron aconsejados por la familia. Las percepciones acerca del embarazo fueron identificadas en tres categorías: "el descuido" y "el deseo de quedarse embarazada" bien como las razones para la ocurrencia del embarazo; y "el abandono de la escuela" como una de las repercusiones que el embarazo trae para el adolescente. El estudio ofrece una comprensión del embarazo en la adolescencia en la región que puede ser útil para la mejoría de la práctica de la enfermería en las unidades de salud como estrategias para la promoción del comportamiento sexual seguro y saludable de las adolescentes.

PALABRAS-CLAVE: Enfermería. Embarazo en la adolescencia. Salud de la mujer.

INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência tem adquirido maior visibilidade mundial e no Brasil em função do registro de altos índices de mães menores de 20 anos nas últimas décadas. Paradoxalmente, porém, alguns estudos sugerem que, nos últimos anos, tanto a fecundidade geral como a proporção de nascimentos em mães adolescentes vêm diminuindo (YAZAGI, 2008).

Embora seja difícil identificar a incidência precisa do fenômeno no Brasil, porque os estudos que registram essas taxas referem-se a diversas regiões específicas do país, os índices nesses locais abrangem percentuais de 14% a 20% ou 25% (MAGALHÃES et al., 2006; MANFRÉ; QUEIRÓZ; MATTHES, 2010) dos totais de nascimentos pesquisados. A esse respeito, o Ministério da Saúde (MS) refere que, em 2004, houve um número superior a três milhões de nascimentos e que 21,9% dessas mães encontravam-se na faixa etária entre 10 e 19 anos de idade (BRASIL, 2006b). Assim, observa-se, nessas análises, que o problema permanece com prevalência preocupante e que há um grupo significativo de adolescentes que requer atenção especial dos profissionais de saúde no que tange à sua sexualidade e às consequências de uma gravidez precoce.

Reconhecendo a complexidade do fenômeno de gravidez precoce, diversos estudos têm analisado os fatores relacionados à sua ocorrência e às consequências que ela impõe à adolescente, família e sociedade. As causas parecem convergir nos fatores sociais, como atividade sexual precoce, baixa escolaridade e pobreza; relações

de gênero com relação à atividade sexual desprotegida; bem como nas questões ligadas às mudanças biológicas e psicológicas inerentes à transição entre a infância e a idade adulta, que geram alterações no seu comportamento sexual (DIAS; TEIXERA, 2010; MAGALHÃES et al., 2006; SILVA; TONETE, 2006). Esses fatores são considerados comportamentos de risco para a gravidez na adolescência e constituem o foco das intervenções educativas para a prevenção de sua ocorrência.

Quanto às repercussões, a literatura mostra que as consequências negativas da gravidez precoce para a adolescente, tanto quanto para o recém-nascido, são geralmente apresentadas de forma homogênea, focalizando aspectos biológicos, sociais, econômicos e psicológicos. Na adolescente, os problemas resultantes têm sido identificados como de crescimento e desenvolvimento, emocionais e comportamentais, educacionais e de aprendizado, além de complicações da gravidez e problemas de parto. Os riscos podem ser físicos, quando seu organismo não está preparado para uma gestação; mentais e econômicos, conforme diminuem as chances de a adolescente ingressar no mercado de trabalho (RABELLO; SILVA; ZORNIG, 2010). No recém-nascido, entende-se que a gravidez precoce seja fator de risco para o baixo peso ao nascer, baixos Apgars, prematuridade, morte, entre outras consequências (MAGALHÃES et al., 2006). Dessa maneira, a gravidez é considerada como uma das ocorrências mais preocupantes relacionadas

à sexualidade na adolescência, com sérias consequências sociais para a vida dos adolescentes, de seus futuros filhos e de suas famílias.

Contudo, conforme Dias e Teixeira (2010), ter um filho na adolescência pode ser valorizado e constituir-se em uma opção de vida para algumas adolescentes, na medida em que a maternidade proporciona-lhes ascensão e *status* social. Nesse sentido, o desejo de um filho também figura entre os determinantes (DADOORIAN, 2003) e sugere-se que as consequências do fenômeno sejam tratadas de forma diferente com essas adolescentes. Numa perspectiva socioantropológica, autores ressaltam os aspectos sociais e culturais relacionados à gravidez de algumas adolescentes e propõem uma compreensão positiva do evento ao considerar que, em alguns casos, o ser mãe pode representar o sucesso para a adolescente na procura de sua identidade social (DIAS; TEIXEIRA, 2010; HEILBORN et al., 2002; PANTOJA, 2003) e ela resolver, com base no evento, “ser alguém na vida” (PANTOJA, 2003, p. S342).

Assim, a complexidade do fenômeno tem ocasionado a realização de grande número de investigações acerca dos comportamentos de risco e das consequências negativas do evento. Apesar desse investimento científico, estudos que focalizem a problemática em diferentes regiões do país são considerados necessários para que se possa conhecer a dinâmica secular do fenômeno no Brasil e, dessa forma, promover programas de atenção à saúde dessa população.

Nesse sentido, são poucos os estudos com enfoque na ocorrência de gravidez no estado de Tocantins, embora ele tenha sido apontado como possuindo um dos mais altos índices de adolescentes grávidas no país, 36% (FERREIRA et al., 2004). A esse respeito, Parente (2010) descreve que, nessa região, a adolescente encontra-se em vulnerabilidade para a exploração sexual e, portanto, para a gravidez, devido às relações de gênero que interferem na vida das jovens mulheres. Assim, considera-se que há necessidade de investigar a gravidez na adolescência na região, com vistas a compreender a situação e assim poder direcionar as intervenções nessa realidade.

Com base nessas considerações e visando contribuir com conhecimento acerca da situação de gravidez na adolescência na região de Tocantins, realizou-se um estudo norteado pelo seguinte questionamento: Como as adolescentes grávidas percebem a ocorrência da gravidez e as repercussões desse evento na vida da mulher?

Na procura dessa compreensão, utilizou-se uma abordagem teórica de risco epidemiológico (LUIZ; COHN, 2006), por entender que, ao discutir determinantes e consequências relacionadas ao fenômeno de gravidez na adolescência, elabora-se uma concepção do evento como algo adverso à vida da adolescente, na medida em que o acontecimento pode influir no estado emocional, biológico, psicológico e social da jovem mulher e de sua família. Destarte, buscou-se o pensamento preventivo nesse nexo de causalidade, nos aportes do MS (BRASIL, 2006a) para a saúde reprodutiva e sexual dos adolescentes, que assegura o direito à maternidade segura.

Assim, o objetivo deste estudo foi conhecer as percepções das adolescentes grávidas acerca da gravidez e a repercussão que a ocorrência desse evento tem na vida dessas jovens.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo transversal, desenvolvido no período de setembro a dezembro de 2007 nas unidades dos setores Aurenly III e IV da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Palmas (TO). Dentre as 34 unidades de saúde pertencentes à SMS, essas foram selecionadas por possuírem mais de uma equipe do Programa Saúde da Família, ter maior número de atendimentos, além de possuir grupos de apoio atuantes junto às adolescentes grávidas.

Esses dois setores possuem cinco unidades de saúde, assim dispostas: duas no Aurenly III – Laurides Milhomem e Liberdade; e três no Aurenly IV – Alto Bonito, CAIC e Novo Horizonte. Os profissionais de saúde dessas unidades desenvolvem atividades de planejamento familiar com os adolescentes, além do acompanhamento das adolescentes grávidas durante o pré-natal na unidade e *in loco*. Desenvolvem, ainda, atividades

semanais, em grupo, com as adolescentes e seus companheiros, reforçando a importância do tri-nômio durante e após a gestação. Nesses grupos são abordados temas diversos em relação ao ciclo gravídico e cuidados com o recém-nascido, demonstrados por meio de exposição dialogada, vídeos e dramatizações, favorecendo a participação do grupo em situações práticas e reais.

A população do estudo foi composta de 112 adolescentes que procuraram o serviço pré-natal nessas unidades durante o período da coleta de dados. A amostra acidental de participantes consistiu de 28 adolescentes, selecionadas por atender ao critério de ter cadastramento no pré-natal. Ao abordá-las para convidá-las a participar, as adolescentes foram apresentadas aos objetivos e riscos do estudo, à garantia do sigilo e do atendimento em caso de desistência da sua participação na pesquisa. Todas as adolescentes e seus responsáveis aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados foi realizada em um local reservado na própria unidade, por meio de um questionário elaborado para propósitos do estudo e contendo questões relacionadas às características sociodemográficas e à gravidez, bem como outras questões abertas acerca das causas que contribuíram para a gravidez e das consequências que o evento trouxe para as suas vidas.

Os dados foram organizados em banco de dados do programa Excel, analisados através de estatística descritiva e apresentados em forma de tabelas. As informações obtidas nas questões abertas foram examinadas e agrupadas por semelhança, o que permitiu identificar os significados expressos pelas participantes e a elaboração de categorias temáticas.

Em conformidade com os preceitos éticos da Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do MS, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CEULP/ULBRA, pelo Parecer n.º 706/2007.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados quanto às características das participantes deste estudo e suas percepções sobre a gravidez.

Características das participantes

As adolescentes participantes deste estudo tinham em média 16,8 anos de idade e uma abrangência etária de 14 a 19 anos, sendo maior o percentual que se encontrava na faixa etária de 16 a 18 anos (82,5%).

A Tabela 1, a seguir, sintetiza os dados sociodemográficos e da gravidez colhidos. Observa-se, nessa tabela, que os dados que caracterizam as participantes deste estudo quanto à idade e escolaridade mostram que, em geral, elas eram adolescentes mais velhas (16-18 anos) e que a maioria possuía nível educacional compatível com sua idade, conforme demonstrado pelas 57,1% que indicaram ter concluído o segundo grau ou que se encontravam estudando quando a pesquisa foi feita. Encontrou-se, no entanto,

TABELA 1 – Distribuição das 28 adolescentes grávidas participantes do estudo, segundo as variáveis sociodemográficas e ginecológicas – Palmas (TO) – 2007

Variáveis	Indicador	Fr	%
Idade	14-15 anos	04	14,3
	16-17 anos	12	42,8
	18-19 anos	12	42,9
Escolaridade	2º grau completo	04	14,3
	Estudos em andamento	12	42,8
	Estudos abandonados	12	42,9
Planejamento da gravidez	Sim	08	28,6
	Não	20	71,4
Número de filhos	Mais de um	09	31,1
	Um	10	36,8
	Nenhum	09	32,1
Uso de Contraceptivos	Não	08	28,6
	Sim	20	71,4
DST	Já adquiriu (sífilis)	01	04,0
	Nunca adquiriu	27	96,0
Origem das orientações	Da família	18	64,3
	Dos profissionais de saúde	08	28,6
	Da escola	02	07,1
Conhecimento dos riscos	Conhece	19	67,9
	Não conhece	09	32,1

Fonte: Dados da pesquisa.

um percentual quase equivalente de abandono, com 42,9% de adolescentes registrando que desistiram de estudar. Esse perfil etário e de escolaridade assemelha-se ao registrado por pesquisadores em estudos realizados em outras regiões do país e para períodos diversos de tempo (BRUNO et al., 2009; CHALEM et al., 2007; GARDIM; FERREIRA; MORAES, 2010; TAVARES; FERRARI; SOLER, 2006; YAZAKI, 2008).

Em inquérito realizado em São José de Rio Preto (SP), de 759 registros de nascimentos vivos em 2003, Tavares, Ferrari e Soler (2006) identificaram que a média de idade das mães era de 17 anos e que 65,2% possuíam escolaridade de 8 a 11 anos. De forma semelhante, Yazaki (2008) registrou as maiores taxas de nascimento entre as adolescentes mais velhas (18-19 anos) no estado de São Paulo, num período de sete anos (1991-2006), em comparação com as de 15-17 anos.

Neste estudo, a escolaridade da maioria das mães (62%), nos nascimentos registrados quando da primeira gestação, foi de 8 a 11 anos, e 32% com ensino fundamental incompleto, sendo menores as taxas de escolaridade identificadas entre aquelas que tiveram o segundo filho. Nesse mesmo estado, em outro estudo realizado com adolescentes grávidas, em um hospital da periferia, verificaram-se a idade média de 17 anos e o nível educacional de oito anos (CHALEM et al., 2007). Dados semelhantes foram identificados em estudo realizado no Ceará, em que a faixa etária predominante entre adolescentes primigestas, em 1999, foi de 16-19 anos e o nível escolaridade também de oito anos (BRUNO et al., 2009). Em Minas Gerais, a idade média registrada em um estudo foi de 16,7 anos (GRADIM; FERREIRA; MORAES, 2010), demonstrando, mais uma vez, que o padrão do evento é ocorrer em adolescentes mais velhas.

Assim, considera-se que a concentração dos nascimentos nas idades maiores de adolescência, reportada nesses estudos, parece indicar que a gravidez estaria acontecendo na adolescência tardia, embora, quando considerado em seu todo, o fenômeno também incluía meninas na faixa etária de 10 a 15 anos. A esse respeito, Moreira et al. (2008) refere que, no Brasil, existe

tendência de queda na taxa de fecundidade total, mas entre mulheres de 15 a 19 anos esse índice aumenta em 26% de 1970 para 1991. Já entre 1993 e 1998, houve incremento de 31% no percentual de partos entre meninas de 10 a 14 anos atendidas na rede do Sistema Único de Saúde (SUS).

O abandono escolar (42,3%) foi um dado preocupante desta pesquisa, visto que grande parte das adolescentes interrompeu seus estudos após a descoberta da gravidez, o que pode gerar um impacto significativo na ascensão acadêmica e profissional dessas jovens. Vários autores referem que a maioria das adolescentes abandona seus estudos logo ao descobrir a sua gestação, provocando menor qualificação, diminuição da probabilidade de ingressar no mercado trabalho, além de favorecer o ingresso no trabalho informal e mal remunerado (SILVA; TONETE, 2006; TAVARES; FERRARI; SOLER, 2006).

A Tabela 1 mostra que, assim como em outros estudos, a maioria das adolescentes nesta pesquisa não planejou a sua gravidez (71,4%) e 31,8% estavam na segunda gestação. Outras ainda indicaram que tinham mais de um filho (31,1%). Esses dados indicam o risco de essas adolescentes sofrerem consequências sociais permanentes, na medida em que essa responsabilidade materna duplicada representa um afastamento da vida escolar e, portanto, da procura de uma vida melhor, como mostram alguns estudos.

Bruno et al. (2009), por exemplo, ao estudar os fatores relacionados à reincidência da gravidez entre adolescentes, discutem as taxas encontradas na literatura de 42 a 50% de adolescentes que engravidam outra vez, e os diversos fatores que direta ou indiretamente estariam relacionados a essa reincidência. As autoras ainda identificam a baixa escolaridade, a mudança de parceiros e uniões não estáveis como fatores de risco para reincidência de gravidez (MANFRÉ; QUEIRÓZ, MATTHES, 2010; PERSONA et al., 2004). Contudo, eles também ressaltam que há poucas evidências que permitam responder por que a adolescente que já passou pela experiência da maternidade precoce e conhece os

métodos de contracepção engravidar novamente, e sugerem estudos mais rigorosos para identificar essas causas.

Com relação ao comportamento de risco para a gravidez, observa-se que, embora o uso da camisinha seja bastante difundido na proteção de gravidez indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), a Tabela 1 mostra que a maioria das gestantes deste estudo (71,4%) não utilizava nenhum método contraceptivo antes do início da gestação. Isso pode caracterizar uma deficiência na divulgação e distribuição dos métodos contraceptivos, com possibilidade de resultar diretamente numa gravidez indesejada e/ou no desenvolvimento de DST.

Aliado a isso, o achado de que as orientações sobre a prevenção da gravidez é realizado pela família (64,3%) e não pela escola, que representa o palco por excelência para esse conhecimento, é preocupante. Primeiro, pela aparente ausência da escola nessas discussões e, em segundo lugar, pela dúvida sobre essas orientações realizadas em família, tendo em vista a literatura apontar que o diálogo entre os adolescentes e os pais encontra-se muito limitado, com pouca abertura para conversar sobre assuntos pessoais e íntimos. Além disso, essa comunicação muitas vezes é permeada de sentimentos, como o medo dos adolescentes de sofrer represálias ao procurar os pais (SOUSA, FERNANDES; BARROSO, 2006). Moreira et al. (2008) ressaltam ainda que há muita desinformação entre os adolescentes e que os pais não estão cumprindo o seu papel de educadores de maneira satisfatória, condição justificada pela falta de informação ou por constrangimento em abordar tópicos delicados de sexualidade com os seus filhos.

Por outro lado, em revisão da literatura, Manfré, Queiróz e Matthes (2010) identificaram que a fonte principal das orientações são, geralmente, o pré-natal e a escola.

Percepções sobre a gravidez

No que se refere aos aspectos que as adolescentes apontaram como contribuindo para a sua gravidez, foram encontradas duas categorias

centrais que representam suas percepções: o “descuido” como sinônimo de negligência durante o ato sexual e o “desejo de engravidar” como sinônimo de felicidade e de união conjugal que ela inconscientemente estaria vivenciando.

O “descuido” como causa da gravidez apresentou-se nas falas das adolescentes de forma complexa. As explicações apresentadas estão imbuídas de sentimentos de falha pessoal e de submissão ao parceiro que não aceita o uso da camisinha. Elas assim se expressaram: “[...] na hora, a gente nunca pensa que vai acontecer com a gente.”; “[...] na hora h, ele nunca lembra de colocar a camisinha, e se a gente fala, ele fica grosso e acha que é falta de amor.”

As falas indicam que a relação da adolescente com seu parceiro estabelece-se de forma passiva, na medida em que a jovem mulher delega a decisão para o uso da proteção na relação sexual e não estabelece a sua posição como mulher. Ela aceita a visão do companheiro de que o sexo desprotegido é uma demonstração de amor, mesmo pensando diferente. Ou seja, ela estaria negando o poder que possui sobre seu próprio corpo e se submetendo ao papel diferenciado entre homens e mulheres relacionado ao ato sexual, estabelecido pelas características atribuídas pela sociedade e pela cultura à mulher e ao homem. Dessa forma, a adolescente submete-se às relações de gênero apreendidas no seu meio cultural e social (BORGES, 2007).

Por outro lado, Rabello, Silva e Zornig (2010), numa perspectiva freudiana, veem de maneira diferente o descuido. As autoras reformularam esta condição – o descuido – para uma categoria de reafirmação das adolescentes para a vida, concedendo a essas meninas as condições de reinscrever seu desejo e sua existência. A gravidez oferece-lhes um “certo *status*” e uma sensação de potência contrastada com a impotência que, de modo geral, gerencia suas vidas; dessa forma, a gravidez contrapõe-se à invisibilidade em que se encontram.

Esse pensamento possui relação com a segunda categoria identificada como fator contribuinte à gravidez – “desejo de engravidar”. Essa categoria foi elaborada com base nas expressões

das adolescentes que referiram que a gravidez seria um evento aceitável, porque estaria vinculada à relação afetiva com seu parceiro, como mostram as justificativas contidas nas falas a seguir: “[...] aí da gente se pedir para ele usar camisinha. E se a gente lembra de filho, aí já viu, né?”; “[...] tenho medo de perder o meu homem; muitas menininhas por aí; aí o melhor é embuchar, só assim a gente fica junto.”; “[...] a vida né fácil não [...] ele sempre me troca. Assim, se eu engravidado, ele fica comigo, aí a gente fica pra sempre muito feliz e junto.”

Entende-se que, de certa forma, essa aceitação constitui reformulação do desejo, haja vista a satisfação expressada pelas adolescentes ao assumir a possibilidade de uma gravidez, mesmo que como meio para segurar a relação com o parceiro. Observa-se nas falas das adolescentes que esse desejo está relacionado à necessidade de manter o vínculo afetivo e pelo medo de perder o companheiro. Parece que a gravidez é a única opção disponível à jovem mulher para estabelecer o vínculo conjugal. O simbolismo que a gravidez traz para uma adolescente figura também como justificativa para a desproteção na atividade sexual, quando ela expressa a lembrança de um filho como algo incomparável. Este simbolismo semelhante a um conto de fadas, em que o casal vive feliz para sempre, está presente na visão infantil de outra adolescente, que menciona a gravidez como meio para esse fim.

Essas são justificativas de desejo desvirtuadas, na medida em que não representam sentimentos de maternidade, e sim de troca e negociação psicológica, característica que Borges (2007) menciona como estando presentes na experiência sexual da adolescente. Essas expressões de desejo da gravidez também diferem do encontrado em outros estudos que referem que a gravidez representa uma oportunidade para melhorar sua vida (PANTOJA, 2003) e que pode influir na elaboração da autonomia que a jovem mulher procura nessa fase (BRANDÃO; HEILBORN, 2006).

Ao tratar das repercussões da gravidez na adolescência, as adolescentes apontam apenas fatores negativos tanto para a mãe quanto para a criança e seus familiares. Assim, a categoria

elucidada foi “o deixar de estudar”, como único de abandono dos estudos, repercussão na falta financeira para a sobrevivência e a abdicação das oportunidades existentes para mulheres na idade em que elas se encontravam, quando engravidaram. Assim se expressaram acerca das consequências da gravidez: “[...] problema de parar de estudar e muito problema financeiro.”; “[...] atrapalha os estudos, a vida para.”; “[...] é difícil trabalhar e estudar, quando tem um menino no bucho para sustentar.”; “[...] não ter condições financeiras para você, seu filho e sua família é difícil; culpa de não estudar, de ficar buchuda quando não devia.”; “[...] perder muita oportunidade, quando tem menino exige muita responsabilidade de mim.”; “[...] a adolescente é muito nova, sem juízo, os pais não têm condições nem para eles, imagine pra ajudar a pessoa a criar o filho.”

Esses depoimentos refletem o que as adolescentes grávidas pensavam acerca de seu futuro, demonstrando que estavam conscientes do significado da responsabilidade que deverão assumir e como isso afetará as suas vidas. Foi interessante, porém, observar que essas expressões não continham afirmativas de felicidade de ser mãe ou de se realizarem como mães, o que é apontado por alguns autores como resultado, e sim se centraram nas dificuldades por vir, devido ao abandono escolar. E elas não estão muito distantes do que alguns autores referem acerca do cuidado das mães adolescentes, de que quanto mais escolaridade os pais adolescentes tiverem, melhor será o cuidado que eles proporcionarão a seus bebês (RABELLO; SILVA; ZORNIG, 2010).

A gestação na adolescência é, de modo geral, enfrentada com dificuldade, porque a gravidez nessas condições significa uma rápida passagem da situação de filha para a de mãe. Nessa transição abrupta do seu papel de mulher ainda em formação para o de mulher-mãe, a adolescente vive uma situação conflituosa e, em muitos casos, penosa. A grande maioria é despreparada física, psicológica, social e economicamente para exercer o novo papel materno, o que compromete as condições para assumi-lo adequadamente e, associado à repressão familiar, contribui para

que muitas fujam de casa e abandonem os estudos; sem contar com as que são abandonadas pelo parceiro, muitas vezes também adolescente (MOREIRA et al., 2008).

Por outro lado, a interrupção dos estudos na adolescência, durante a gestação ou após o nascimento da criança, acarreta perdas de oportunidades e piora da qualidade de vida no futuro. A mãe adolescente vê-se numa situação bastante perturbadora, sem poder contar com a ajuda de seus pais, sendo obrigada a parar de estudar. E outras nunca estudaram. Diante dessa condição, elas encontram muitas dificuldades para conseguir emprego, pois as portas se fecham no mercado de trabalho, repercutindo na privação financeira e na frustração da não conquista de seus ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As adolescentes grávidas deste estudo pertenciam ao grupo etário mais velho e demonstraram comprometimento educacional, na medida em que atingiram nível de escolaridade compatível com a sua idade e, em seus depoimentos sobre as consequências da gravidez, ressaltaram os efeitos que o evento terá nas suas vidas, devido ao abandono escolar resultante.

Percebeu-se ainda que as causas desencadeadoras da gravidez referidas por essas adolescentes centraram-se na relação conjugal, descrita como submissa e de resignação para a gravidez. No que concerne às repercussões da gravidez, as adolescentes mostraram que o abandono dos estudos e todas as suas consequências sociais, financeiras e emocionais são por elas consideradas como fatores a serem superados, distantes de expressões de felicidade e de atingimento de *status* social.

Esses resultados, em geral, indicam que, nessas adolescentes, a gravidez veio em forma de resignação, em função da relação que elas estabeleceram com os seus parceiros. É uma relação de submissão e de necessidade de afeto, conforme elas expressam o medo de perder o parceiro. Trata-se de um comportamento de risco, haja vista que conhecem os riscos do sexo sem proteção, mas se submetem a uma relação

em que são consideradas como objetos de prazer e o cônjuge é quem toma as decisões. Nessa relação há o desejo de agradar o parceiro e não tanto pelo significado psicológico que uma gravidez poderá ter para a adolescente. Acredita-se que a gravidez possa ser encarada como positiva, quando ela é um desejo e faz parte dos planos das adolescentes, o que não foi observado neste estudo.

De qualquer forma, a gravidez na adolescência necessita do suporte dos profissionais de saúde para que a adolescente compreenda e entenda esse processo e consiga superar os conflitos consigo mesma, com seu parceiro e familiares, para melhor vivenciar a maternidade e torná-la um ponto positivo na sua vida.

Acredita-se que este estudo oferece uma compreensão da particularidade da gravidez na adolescência na região estudada que pode ser útil para a enfermagem, na melhoria da prática nas unidades de saúde. Os resultados do estudo sugerem ainda a necessidade de desenvolver medidas que possibilitem a mudança do diagnóstico epidemiológico negativo de gravidez na adolescência, de forma a favorecer a sexualidade saudável e segura desses adolescentes, repercutindo de maneira significativa no desenvolvimento desse grupo populacional.

Portanto, torna-se relevante que os profissionais de saúde desenvolvam novas formas de atuação com os adolescentes e seus familiares, para identificar as situações/motivos que as levam a engravidar, para melhor orientá-las e intervir na sua saúde.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Ana Luiza V. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, 2007, v. 41, n. 4, p. 597-604, 2007.
- BRANDAO, Elaine R.; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1421-1430, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas

- Estratégicas. Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília (DF), 2006a. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. *Saúde Brasil 2006*. Brasília, 2006b.
- BRUNO, Zenilda V. et al. Recidência de gravidez em adolescentes. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet*, Rio de Janeiro, v.31, n.10, p.480-484, 2009.
- CHALEM, Elisa et al. Teenage pregnancy: behavioral sociodemographic profile of an urban Brazilian population. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, p.177-186, jan. 2007.
- DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, 2003.
- DIAS, Ana Cristina G.; TEIXEIRA, Marco Antônio P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 123-131, 2010.
- FERREIRA, Emilia Cristina B. et al. A educação em saúde como estratégia na prevenção da gravidez na adolescência. Um estudo de caso em Formoso do Araguaia (TO). *Rev. UFG*, Goiânia, v. 6, n. Esp., dez. 2004. Disponível em: <www.proec.ufg.br>. Acesso em: 9 set. 2011.
- GRADIM, Clícia V.C.; FERREIRA, Margaret Beatriz L.; MORAES, Maria José. Perfil das grávidas adolescentes em uma unidade de saúde da família de Minas Gerais. *Rev. APS*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 55-61, jan./mar. 2010.
- HEILBORN, Maria Luiza et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, 2002.
- LUIZ, Olinda do Carmo; COHN, Amélia. Sociedade de risco e risco epidemiológico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2339-2348, nov. 2006
- MAGALHÃES, Maria de Lourdes C. et al. Gestação na adolescência precoce e tardia – há diferença nos riscos obstétricos? *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 8, p. 446-452, 2006.
- MANFRÉ, Camila Cristina; QUEIRÓZ, Sara Gomes de; MATTHES, Ângelo do Carmo S. Considerações atuais sobre gravidez na adolescência. *Rev. Bras. Med. Fam. e Comun.*, Florianópolis, v. 5, n. 17, p. 48-54, 2010.
- MOREIRA, Thereza Maria M. et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 42, n. 2, jun. 2008.
- PANTOJA, Ana Lúcia N. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, Suppl. 2, p. S335-S343, 2003.
- PARENTE, Temis G. Vulnerabilidade nas fronteiras de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., Florianópolis, 23-26 agosto, 2010. *Anais...* Florianópolis (SC): IEG, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276164547_ARQUIVO_lnerabilidadenasfronteirasdegenerotextodefinitivoESTE.pdf>. Acesso em: 11 set. 2011.
- PERSONA, Lia et al. Perfil de adolescentes com repetição de gravidez atendidas num ambulatório de pré natal. *Rev. Latinoam. enferm.*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 5, p. 745-750, 2004.
- RABELLO, Angela Maria Maggioli; SILVA, Astréa da Gama; ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. Cuidar das mães, que cuidam dos filhos, que cuidam de...: observações e reflexões sobre a gravidez na adolescência. *Primórdios - CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 43-56, 2010.
- SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev Latinoam enferm*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 199-205, 2006.
- SOUSA, Leilane B.; FERNANDES, Janaína Francisca P.; BARROSO, Maria Grasiela T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar, *Acta Paul. Enferm.*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 408-413, São Paulo, 2006.
- TAVARES, Beatriz B.; FERRARI, Débora C.; SOLER, Zaida A.S.G. Caracterização da gestação e parto das adolescentes de São José do Rio Preto em 2003. *Arq. Ciênc. Saúde*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 12-17. 2006.
- YAZAKI, Lúcia M. Maternidades sucessivas em adolescentes no Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, CAXAMBU (MG), 2008, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, MG: ABEP, 2008. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docs-PDF/ABEP2008_1170.pdf >. Acesso em: 9 set. 2011.

Submissão: 12/7/2011

Aceito: 4/10/2011

